

Flashes da Igreja... não segundo a “aparência”.

A sinfonia do silêncio

Observatório Pastoral

«Há um tempo para calar e um tempo para falar» (Eclesiastes 3,7)

A sociedade actual gerou instintivamente uma aversão ao silêncio, tornou-se demasiado estridente, agitada, ansiosa, emotiva, ideologicamente fluida e algo desorientada. O silêncio cedeu lugar ao ruído, por vezes ensurdecedor, auditivo, mental e espiritual. O tão precioso, repousante e humanizante silêncio tornou-se uma raridade.

Tal fenómeno vai invadindo, por contágio, o *habitat* eclesial, os momentos de culto, de celebração, nos quais o silêncio é imprescindível para o encontro de cada um consigo próprio, com o outro, com Deus. Como pode interiorizar-se a Palavra, se o ruído, sonoro e/ou visual, nos invade, obstaculiza e impede a escuta? E sem silêncio não há Palavra, pois é do silêncio que brota a Palavra que congrega e proporciona o clima para a celebração.

Poderia afigurar-se contraditório o facto de a Igreja, sobretudo desde o Vaticano II (1963-65), incentivar à «participação plena, activa e consciente» (SC 14), através de aclamações, respostas, cantos, gestos, movimentos, posturas corporais, e, simultaneamente, invocar a necessidade e valor do silêncio. Contudo, o convite à participação não contraria nem secundariza a importância do silêncio, daí a mesma Constituição Litúrgica advertir: «observe-se, a seu tempo, o silêncio sagrado» (SC 30); de igual modo, a Instrução sobre o Missal (2002): «Guarde-se o silêncio sagrado como parte da celebração» (IGMR 45). Há dias, 29 de Junho de 2022, o Papa Francisco, na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* insiste: «entre os gestos rituais que pertencem a toda a assembleia, o silêncio ocupa um lugar de absoluta importância... não é o refúgio para o isolamento intimista; é o símbolo da presença e acção do Espírito Santo que anima toda a acção celebrativa» (DD 52). O silêncio não impede a participação, pelo contrário, potencia-a, qualifica-a.

Silêncio não é mutismo, vazio, intimismo, passividade; nem participação se reduz à mera intervenção, activismo, desempenho de funções. De facto, criou-se um equívoco pastoral de pretensão antagonismo entre ‘silêncio’ e ‘participação’ que teve como consequência, sobretudo nas celebrações com crianças e jovens, o verbalismo e activismo litúrgico, que substituiu os tempos de silêncio com monições, explicações, música, poesia, textos piedosos, gestos que resultam numa celebração dispersiva, cansativa, pouco serena, que não dá voz ao silêncio, nem à sua eloquência espiritual.

A participação, se preparada e consciente, não cria agitação, intervencionismo, protagonismo. Participação e silêncio não se contradizem, potenciam-se e favorecem a oração, a proclamação, o canto, os gestos rituais, desde que preparados e actuados de forma serena, articulada, simples, harmoniosa e bela. É possível, e desejável, a complementaridade: silêncio participativo e participação silenciosa.

O silêncio é imprescindível para expressar o que os vocábulos e gestos corporais não conseguem, por si só, exprimir: o Indizível, o Mistério, Deus. Mas que silêncio?

– O *silêncio de concentração ou recolhimento* que propicia o encontro com Deus, faz mergulhar na vida pessoal: acto penitencial, antes da oração colecta, após a homilia;

– O *silêncio de assimilação* que facilita a escuta e interiorização da Palavra, que nasce do silêncio, e as orações sacerdotais, especialmente a oração eucarística;

– O *silêncio de meditação* como resposta à Palavra de Deus, favorecendo a apropriação pessoal da mesma para melhor ser vivenciada;

– O *silêncio de oração e adoração* que leva à participação mais íntima e pessoal nas diversas formas de oração de acção de graças, louvor, adoração, súplica, intercessão: consagração, acção de graças após a comunhão, exposição do Santíssimo Sacramento; a apresentação e adoração da Cruz e outros.

Venha a nós o Teu Silêncio.

P. José Henrique Santos

Domingo 10	2ª feira 11	3ª feira 12	4ª feira 13	5ª feira 14	6ª feira 15	Sábado 16	Domingo 17
9h Matança		*					9h Matança
10h15 Dornelas		18h Fonte Fria (Matança)	18h Forninhos	18h Aveleiras (Queiriz)	18h Casal do Monte (Queiriz)		10h15 Forninhos (Dia da Freguesia)
11h30 Mosteiro (S. Sebastião)	*	19h30 Prado (PenaVerde) – 7º dia	19h Matança	19h Mosteiro – S. Sebastião (PenaVerde)	19h30 Forninhos (Jubileu)	19h30 Dornelas	11h30 PenaVerde
14h30 Forninhos							14h30 Queiriz
							16h30 Bapt.

N.B.: O Ofertório de 23 e 24 de Julho de 2022 reverte para a Diocese.



Elo de Comunhão

de 10 a 17 de Julho de 2022

DOMINGO XV DO TEMPO COMUM – ano C



Folha Dominical

Boletim In-Formativo

Pe. Jorge Gomes: (00351)934118633 * paroquiasagb@gmail.com

Pe. André Silva: 968239911 * aguiardabeiraparoquias@outlook.com

Pe. Silvério Cardoso: 232577113 – Carapito

Residência Paroquial * 3570-047 Aguiar da Beira * 232688122



Palavra de Deus...

LEITURA I

Deut 30, 10-14

«Esta palavra está perto de ti, para que a possas pôr em prática»

Leitura do Livro do Deuterónimo

Moisés falou ao povo, dizendo: «Escutarás a voz do Senhor teu Deus, cumprindo os seus preceitos e mandamentos que estão escritos no Livro da Lei, e converter-te-ás ao Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma. Este mandamento que hoje te imponho não está acima das tuas forças nem fora do teu alcance. Não está no céu, para que precisés de dizer: 'Quem irá por nós subir ao céu, para no-lo buscar e fazer ouvir, a fim de o pormos em prática?'. Não está para além dos mares, para que precisés de dizer: 'Quem irá por nós transpor os mares, para no-lo buscar e fazer ouvir, a fim de o pormos em prática?'. Esta palavra está perto de ti, está na tua boca e no teu coração, para que a possas pôr em prática». Palavra do Senhor.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 68 (69), 14.17.30-31.33-34.36ab.37 (R. cf. 33)
Procurai, pobres, o Senhor e encontrareis a vida.

LEITURA II

Col 1, 15-20

«Por Ele e para Ele tudo foi criado»

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Colossenses

Cristo Jesus é a imagem de Deus invisível, o Primogénito de toda a criatura; porque n'Ele foram criadas todas as coisas no céu e na terra, visíveis e invisíveis, Tronos e Dominações, Principados e Potestades: por Ele e para Ele tudo foi criado. Ele é anterior a todas as coisas e n'Ele tudo subsiste. Ele é a cabeça da Igreja, que é o seu corpo. Ele é o Princípio, o Primogénito de entre os mortos; em tudo Ele tem o primeiro lugar. Aproveu a Deus que n'Ele residisse toda a plenitude e por Ele fossem reconciliadas consigo todas as coisas, estabelecendo a paz, pelo sangue da sua cruz, com todas as criaturas na terra e nos céus. Palavra do Senhor.

EVANGELHO

Lc 10, 25-37

«Quem é o meu próximo?»

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, levantou-se um doutor da lei e perguntou a Jesus para O experimentar: «Mestre, que hei-de fazer para receber como herança a vida eterna?». Jesus disse-lhe: «Que está escrito na Lei? Como lês tu?». Ele respondeu: «Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento; e ao próximo como a ti mesmo». Disse-lhe Jesus: «Respondeste bem. Faz isso e viverás». Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: «E quem é o meu próximo?». Jesus, tomando a palavra, disse: «Um homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores. Roubaram-lhe tudo o que levava, espancaram-no e foram-se embora, deixando-o meio-morto. Por coincidência, descia pelo mesmo caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Do mesmo modo, um levita que vinha por aquele lugar, viu-o e passou também adiante. Mas um samaritano, que ia de viagem, passou junto dele e, ao vê-lo, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas deitando azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirou duas moedas, deu-as ao estalajadeiro e disse: 'Trata bem dele; e o que gastares a mais eu to pagarei quando voltar'. Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?». O doutor da lei respondeu: «O que teve compaixão dele». Disse-lhe Jesus: Então vai e faz o mesmo». *Palavra da salvação.*

Palavra na Vida...



A liturgia deste Domingo procura definir o caminho para encontrar a vida eterna. É no amor a Deus e aos outros – dizem os textos que nos são propostos – que encontramos a vida em plenitude.

A primeira leitura reflecte, sobretudo, sobre a questão do amor a Deus. Convida os crentes a fazer de Deus o centro da sua vida e a amá-lo de todo o coração. Como? Escutando a sua voz no íntimo do coração e percorrendo o caminho dos seus mandamentos.

Na segunda leitura, Paulo apresenta-nos um hino que propõe Cristo como a referência fundamental, como o centro à volta do qual se constrói a história e a vida de cada crente. O texto foge, um tanto, à temática geral das outras duas leituras; no entanto, a catequese sobre a centralidade de Cristo leva-nos a pensar na importância do que Ele nos diz no Evangelho de hoje. Se Cristo é o centro a partir do qual tudo se constrói, convém escutá-l'O atentamente e fazer do amor a Deus e aos outros uma exigência fundamental da nossa caminhada.

O Evangelho sugere que essa vida plena não está no cumprimento de determinados ritos, mas no amor (a Deus e aos irmãos). Como exemplo, apresenta-se a figura de um samaritano – um herege, um infiel, segundo os padrões judaicos, mas que é capaz de deixar tudo para estender a mão a um irmão caído na berma da estrada. “Vai e faz o mesmo” – diz Jesus a cada um dos que o querem seguir no caminho da vida plena.

ORAÇÃO...

Como posso desprezar a minha vida para me entregar a Deus? O que quer Deus que eu despreze? Devo desprezar tudo o que for supérfluo, tudo aquilo que me afasta dos outros, tudo o que me distrai do Amor de Deus. Devo concentrar-me nesta capacidade imensa de Amar, entregando-me sem limites a Deus e aos outros. É esta entrega total que me fará feliz e ao transmitir essa felicidade serei verdadeira testemunha de Deus.